

PIERRE HASSNER

(1933-2018)

Filósofo e cientista político – «mais próximo do lado político do que do lado da ciência», nas suas palavras –, Pierre Hassner é uma referência incontornável nos estudos de relações internacionais, um dos raríssimos europeus que têm lugar ao lado dos maiores numa disciplina dominada pelos investigadores anglo-saxónicos. Professor e conferencista brilhante – ninguém pode esquecer os seus monólogos prodigiosos –, Pierre Hassner foi um pedagogo da complexidade, que sabia levar os outros a arriscar pensar os problemas até ao fim.

Nasceu em 1933, numa família da burguesia judaica na Roménia que conseguiu sobreviver às perseguições raciais durante a Segunda Guerra Mundial, convertendo-se ao catolicismo. Filho único, fez o Liceu Francês em Bucareste, onde viveu até 1948, altura em que o seu pai decide fugir do regime comunista e atravessar a fronteira a salto com a família. Instalam-se como refugiados em Paris, onde Pierre Hassner faz o *baccalauréat* aos 16 anos e, em 1952, entra na *École Normale Supérieure*. Em 1955, é o primeiro classificado na agregação de Filosofia e, dois anos depois, obtém a nacionalidade francesa. Estuda na Sorbonne com Raymond Aron – que o reconhece como o seu melhor aluno – e em Chicago com Leo Strauss – que ele próprio reconhece como um dos maiores filósofos vivos. Desde 1959, pertence ao Centre d'Études des Relations Internationales (CERI), onde faz toda a sua carreira até se reformar como *directeur de Recherches*, ao mesmo tempo que ensina em Sciences Po e, mais tarde, também na Johns Hopkins em Bolonha, assim como em Harvard, em Chicago ou em Montréal. Nas décadas seguintes, é uma presença indispensável nas conferências sobre segurança

e política internacional dos dois lados do Atlântico e publica em todas as revistas académicas relevantes – *International Affairs*, *Politique Etrangère*, *Survival*, *Foreign Policy*, *Government and Opposition*, *Revue Française de Science Politique*, *Survey*, *Orbis* – assim como nas principais revistas intelectuais – *Preuves*, *Esprit*, *National Interest*, *Commentaire*, *Le Débat*, *American Interest*. Publicou também na *Política Internacional* e na *Relações Internacionais*, a cujo Conselho Consultivo pertenceu desde o primeiro número¹.

Pierre Hassner é, em primeiro lugar, um filósofo, que escreveu sobre Rousseau, Hegel e Kant – são seus os capítulos sobre os dois filósofos alemães na *History of Political Philosophy* editada por Leo Strauss² –, bem como sobre os problemas da ética e da moral. Em segundo lugar, é um pensador das relações internacionais que, por um lado, integra a filosofia clássica no estudo da política internacional e, por outro, faz a avaliação crítica das teorias de relações internacionais, desde Martin Wight a Kenneth Waltz, de Stanley Hoffmann a Johan Galtung³.

Em terceiro lugar, é um analista político que trata os grandes temas contemporâneos da guerra e da paz, da ordem e da desordem internacional, do totalitarismo e do nacionalismo, da violência e do terrorismo, das estratégias das potências e da balança das emoções. Ele próprio dizia ter começado pela filosofia, para depois estudar relações internacionais, antes de regressar, nos últimos anos, à reflexão sobre a alma e as paixões coletivas.

Eclético, nunca se submeteu a nenhuma corrente – a sua *boutade* sobre Aron, «demasiado realista para ser membro da “escola realista”» –, assenta-lhe bem. Nómada do espírito, cultivava temas sazonais numa desordem aparente, seguindo a fórmula de Pascal que gostava de citar: «Je ferais trop d’honneur à mon sujet si je le traitais avec ordre, puisque je veux démontrer qu’il en est incapable». Nos primeiros anos, a segurança internacional é o tema dominante, que o faz escrever sobre a estratégia nuclear, o *arms control*, a *détente* bipolar e a balança europeia na Guerra Fria⁴. Em 1968,

¹ Os textos de Pierre Hassner nas revistas portuguesas incluem uma conferência no Convento da Arrábida sobre «A reinvenção da Europa», a convite da Fundação Oriente, assim como uma entrevista de Teresa de Sousa. HASSNER, Pierre – «A reinvenção da Europa». In *Política Internacional*. N.º 7-8, pp. 5-18, 1993; HASSNER, Pierre – Entrevista com Teresa de Sousa – «Inquietações de um euro-atlantista». In *Relações Internacionais*. N.º 1, 2004, pp. 39-44. Ver também HASSNER, Pierre – «Construir modelos enquanto Roma arde?». In *Política Internacional*. N.º 3, 1991, pp. 81-95.

² HASSNER, Pierre – «Immanuel Kant». In STRAUSS, Leo, e CROPSEY, Joseph [org.] – *History of Political Philosophy*. Chicago: Chicago University Press, 1963, pp. 581-621; HASSNER, Pierre – «Georg W. F. Hegel». Traduzido por Allan Bloom. In STRAUSS, Leo, e CROPSEY, Joseph [org.] – *History of Political Philosophy*, pp. 732-760.

³ HASSNER, Pierre – «Beyond the three traditions: the philosophy of war and peace in historical perspective». In *International Affairs*. Vol. 70, N.º 4, 1994; HASSNER, Pierre – «Le Crépuscule des Gulliver ou les mecomptes d’Hoffmann». In *Revue Française de Science Politique*. Vol. 20, N.º 1, pp. 142-148, 1970; HASSNER, Pierre – «On ne badine pas avec la paix». In *Revue Française de Science Politique*. Vol. 23, N.º 6, 1973, pp. 1268-1303.

⁴ Pierre Hassner revê o livro de Raymond Aron sobre a estratégia nuclear – *Le Grand débat*, publicado em 1963. Mais tarde, prepara para publicação o manuscrito inacabado de Aron – *Les Dernières années du siècle* – e organiza um volume com os seus dispersos sobre Clausewitz. HASSNER, Pierre – «Préface». In ARON, Raymond – *Sur Clausewitz*. Bruxelas: Complexe, 1987.

depois da Revolução de Maio e da Primavera de Praga, o seu tema passa a ser as consequências das mudanças dos regimes, das ideias e das sociedades na política internacional. Está em Lisboa durante o «Verão Quente» a convite do Partido Socialista e participa na manifestação da Alameda contra o «gonçalvismo», organiza no CERI um seminário sobre as relações Leste-Oeste – onde passam os dissidentes de todos os países da Europa Oriental, incluindo os dirigentes do Solidarnosc durante a «Revolução Autolimitada» na Polónia. Escreve sobre o «Eurocomunismo» e a *détente* e sobre a evolução política dos regimes comunistas europeus, à procura dos sinais que anunciam o fim do comunismo e do império soviético⁵. No pós-Guerra Fria, depois das polémicas com Francis Fukuyama e, sobretudo, com Samuel Huntington⁶, o novo tema é o regresso das velhas questões do nacionalismo, das fronteiras e das minorias, que estão na origem das guerras civis, da «limpeza étnica» e da violência identitária e tornam as intervenções militares conjuntamente decisivas. Pierre Hassner preside ao Comité Kosovo, que denuncia a perseguição da minoria albanesa na Sérvia. Depois do «11 de Setembro», prevalece o tema da ordem imperial e da desordem internacional – as tentações hegemónicas dos Estados Unidos⁷, a deriva autoritária na Rússia ou a Guerra da Síria, que compara à Guerra Civil de Espanha. Finalmente, desde 2004, o tema das paixões coletivas marca o regresso a Tucídides, Spinoza e Rousseau, e a Elie Halévy, Aron e François Furet para estudar um tema original e clássico que ninguém tinha ousado tratar no domínio da política internacional: «As relações internacionais, como a política em geral, são feitas de um entrelaçamento inextricável entre interesses, ideias e paixões»⁸. Os textos sobre as emoções, no tempo em que antecipava que a «barbarização dos burgueses» ia tomar o passo sobre o «emburguesamento dos bárbaros», estão reunidos na *Revanche des Passions*⁹, o último dos três livros que colecionam os seus ensaios. Em todos os domínios, seguia regras claras – o respeito escrupuloso pelos factos e pelos argumentos dos outros, o horror dos moralistas e das ideias feitas, a rejeição do fanatismo,

⁵ HASSNER, Pierre, e GRÉMION, Pierre (dirs.) – *Vent d'Est. Vers l'Europe des Etats de droit?*. Paris: PUF, 1990.

⁶ HASSNER, Pierre – «Un Spengler pour l'après Guerre froide?». In *Commentaire*. N.º 66, 1994; HASSNER, Pierre – «Huntington's clash of civilizations: morally objectionable, politically dangerous». In *National Interest*. N.º 46, 1996, pp. 63-69.

⁷ HASSNER, Pierre – *L'Empire de la force ou la force de l'empire?*. Paris: Institut Européen de Sécurité, 2003. Ver também HASSNER, Pierre, e VAISSE, Justin – *Washington et le monde*. Paris: Autrement, 2003.

⁸ Pierre Hassner começa a tratar esse tema na resensão do ensaio de Max Weber sobre a ética, publicado em França com uma introdução de Raymond Aron. HASSNER, Pierre – «Weber [Max]. Le savant et la politique». In *Revue Française de Science Politique*. Vol. 9, N.º 4, 1959, pp. 1047-1052.

⁹ HASSNER, Pierre – *La Violence et la paix. De la bombe atomique au nettoyage ethnique*. Paris: Seuil, 2000; HASSNER, Pierre – *La Violence et la paix II. La Terreur et l'empire*. Paris: Seuil, 2003; HASSNER, Pierre – *La Revanche des passions*. Paris: Fayard, 2015.

da confusão mental e da banalidade. Intransigente no domínio dos princípios intelectuais, era um cultor da amizade – o «círculo hassneriano» não tinha fronteiras nem geográficas, nem linguísticas, nem de idade e incluía os discípulos mais próximos, como Anne-Marie LeGloannec ou Alexandre Smolar¹⁰, os confrades, como Pierre Grémion ou Jacques Rupnik, os pares, como Jean-Claude Casanova ou Allan Bloom, e tantos amigos, na companhia dos quais nunca resistia nem a um *mot d'esprit*, nem a demonstrar a sua *joie de vivre*. **R**I

¹⁰ LEGLOANNEC, Anne-Marie, e SMOLAR, Aleksander [dirs.] – *Entre Kant et Kosovo. Études offertes à Pierre Hassner*. Paris: Presses de la Fondation des Sciences Politiques, 2003.

Pierre Hassner, membro do Conselho Consultivo da revista R:I, faleceu em Paris, a 26 de Maio de 2018.